



**LLYR**  
EDITORIAL

RIO DE JANEIRO - 2011

DENNIS VINICIUS

---

A GRANDE CRIAÇÃO  
DE **NICOLAS**

---

“Quando uma criatura humana desperta para um grande sonho e sobre ele lança toda a força de sua alma, todo o universo conspira a seu favor.”

*Goethe*

“Existo na ponta da bala e na gota do veneno, no fio desencapado e na escuridão do poço do elevador. Sou o tumor sem cura, o infarto fulminante e a água nos pulmões. Sou a certeza, o inevitável, a consequência de atitudes estúpidas, o fim. Alcanço a todos, seja pobre ou rico, honesto ou desonesto, famoso ou desconhecido. Seja qual for a estrada que siga, estarei lá no fim. Sempre. Sou a certeza que você tem desde que nasceu. E é minha a última voz que ouvirá. Mas hoje sou aquela que narra. Sente-se, não tenha medo, não hoje. A história não é sobre mim, embora eu apareça bastante nela. Também não diz respeito a você, sorte sua. Aqui conto sobre o garoto que ousou desafiar as leis que me regem e as de tudo que existe. De forma intencional ou inocente, ele fez o impensável e invocou consequências irreparáveis para si e para aqueles à sua volta. Não o inveje, nem ouse, não sem antes conhecer a história de Nicolas e sua grande criação.”

# CAPÍTULO 1

ANO NOVO

**F**oi um longo dia de preparativos para o Réveillon. Solange foi receber os convidados no portão. Começaram a chegar às oito da noite. Elinda, sua mãe, chegou por volta das nove e meia; a mesa da ceia estava completa. Enquanto fechava o portão de ferro, uma van branca desceu a rua e estacionou na frente da garagem. Antes de descobrir qual seria o convidado de quem se esquecera, o motorista desceu e se aproximou. Ela reconheceu o melhor amigo de seu filho mais velho e o sorriso sumiu no ato. “O que eles pretendem é uma insanidade, loucura! E Vitor deseja arrastar meus filhos para isto!”

– E então, dona Solange, o Eduardo e Nicolas podem ir? – perguntou o jovem.

Solange cruzou os braços e encostou o ombro no batente do portão. Em seguida, mediu o garoto dos cabelos da cor de ferrugem até os tênis. Vitor Petri era filho de Walter e Rosana, seus amigos desde a faculdade. Fora através de Walter que Solange conhecera o pai de seus filhos e atual ex-marido – mas esse era um capítulo que ela não gostava de lembrar, não antes de a ferida cicatrizar.

– Vão mesmo fazer esta loucura? Todos vocês?

Ele fez que sim com a cabeça, como se fosse a coisa mais simples do mundo.

– Minha casa está cheia de gente – explicou Solange em tom cansado. – A avó deles acabou de entrar. Não me sinto confortável em passar o Réveillon sem nenhum dos meus filhos. Podem pescar de madrugada num outro dia, caramba! É Ano Novo!

– Por isso será mais marcante, dona.

– Como assim?

– Quando tinha a idade de Nicolas, fui com meu pai pescar de madrugada nesse mesmo lago. Aquele foi o Ano Novo mais maravilhoso que tive na vida! Quero que meus amigos sintam o mesmo. Vai ser lindo pescar ali, ainda mais em noite de lua cheia.

Solange levantou os olhos. A lua cheia se assemelhava a uma pintura de tão linda. Ao descer o olhar para a van, avistou os garotos. Conhecia os três, filhos de vizinhos e amigos.

– Quanto tempo faz que tirou a carta de motorista, Vitor?

– Dois meses.

– Exato. Acha que por ter 18 anos e uma carteira de habilitação novinha pode cuidar de cinco garotos *menores de idade* que mal saíram das fraldas? Você acabou de sair da sua, menino!

Ele sorriu e pegou o pingente de São Cristóvão que carregava no pescoço. Esfregando-o entre os dedos, respondeu:

– Eduardo é bem mais maduro do que eu, mesmo sendo mais novo. Ele cuidará de todos nós. Por favor, dona Solange, sem Eduardo e Nicolas não tem graça!

Solange continuou fitando Vitor em silêncio. Queria muito dizer que não. Infelizmente, dois meses atrás, quando a ideia surgira na boca de seus filhos, consentira que pescassem na virada do ano. O erro fora *supor* que os garotos esqueceriam o compromisso. Poderia quebrar a palavra, mas isso iria contra o que ensinara aos dois.

– Estão levando cerveja? – perguntou ao se aproximar de Vitor.

– Sabe que seu filho não bebe.

– E você? – Ela inspirou fundo. Um vestígio de álcool e seus filhos ficariam em casa.

Para sua frustração, Vitor estava com o hálito incólume.

– Bebo às vezes, não vou mentir, mas hoje só levaremos refrigerantes. Se quiser ir lá na van conferir...

– Tá, tá. Esquece. – Solange passou a mão na testa. – Vou chamar os dois.

Enquanto Solange atendia Vitor no portão de casa, Nicolas desenhava em seu quarto. Eduardo, seu irmão, espiava por cima do seu ombro.

Nicolas Lenner tinha doze anos, era magro e espichado. Os cabelos castanhos claros combinavam com os olhos redondos da mesma cor. Se pudesse mudar algo em si, escolheria diminuir as orelhas e ter um cabelo menos disposto a espetar para todas as direções. O sorriso surgia fácil, embora naquele momento, compenetrado no desenho, estivesse sério. Criar

histórias e personagens era seu passatempo favorito, que anos depois se revelaria um talento no nível dos grandes profissionais.

– Quem é? – perguntou Eduardo, apontando por cima do ombro de Nicolas.

– Já vou falar. Deixa só eu terminar a perna.

– Que demora!

– Não é você quem sempre diz que a pressa é inimiga da perfeição?

– Nem tente me copiar, magrelão. Quem solta ditados sou eu.

Eduardo, 17 anos, alto e de ombros largos, poderia ser jogador de basquete profissional se não desejasse tanto ser o novo Renato Russo. Os cabelos diferiam dos de Nicolas num detalhe só: pretos em vez de castanhos claros. Os olhos, porém, eram cópias perfeitas dos da mãe. Eduardo, fã de lual, praia, músicas acústicas e surfe, era tranquilo e cheio de sonhos, como o de montar uma banda e morar no litoral. Um detalhe curioso: humanos colecionam objetos; Eduardo colecionava ditados populares.

Depois de terminar a perna, Nicolas entregou a folha para o irmão. As sobrancelhas escuras de Eduardo arquearam.

– Ok. Que bicho feio é esse?

– O nome dele é Fantasma Vingador. Acredita que sonhei com ele, Duda?

Eduardo o encarou.

Nicolas se surpreendia com algumas expressões faciais do irmão. Cada dia, Eduardo se assemelhava mais ao pai.

Pai... só de pensar nele, a saudade lhe enchia o peito.

– Se eu tivesse doze anos – disse Eduardo – e sonhasse com um maluco vestido assim, choraria a noite inteira. Deveria desenhar ursinhos, Nic.

Nicolas esticou a mão para pegar a folha das mãos do irmão, mas não conseguiu. Eduardo se jogou para trás, rolou por cima da cama e ficou em pé do outro lado, com o desenho acima da cabeça resvalando o teto. O caçula se levantou e deu a volta na cama. De pé, chegava à altura do peito do outro menino. Mesmo pulando, a diferença de tamanho era mais do que suficiente para fazê-lo desistir de reaver o desenho.

– Se vai tirar sarro do meu personagem, pode devolver a folha já.

Eduardo, sorrindo, dobrou a folha e a guardou no bolso do jeans.

– Ah, para, Duda! Devolve aí!

– De jeito nenhum, magrelão! Gostei do desenho. Agora ele é meu.

Nicolas sabia que o irmão falava a verdade. Eduardo podia ser brincalhão e, às vezes, bem chato, mas nunca, jamais mentira para ele.

– Gostou mesmo do desenho?

Antes que Eduardo pudesse responder, a mãe deles surgiu à porta.

– Por que estão aqui e não com os convidados na sala, posso saber? A avó de vocês acabou de chegar.

– Desculpa, mãe. Vim ver o desenho do Nic.

Solange cruzou os braços e dirigiu o olhar firme para Nicolas.

– E isso é hora de desenhar, mocinho?

– É que a ideia tava *martelando* na minha cabeça! Fui *obrigado* a vir desenhar senão *explodiria*!

Eduardo abafou a risada. A mãe soltou o ar.

– Quanto drama! Só que o Vitor chegou.

Os irmãos trocaram olhares arregalados. Havia se esquecido da pesca.

– E tudo bem, mãe? – perguntou Eduardo, sempre bancando o bom filho. – Podemos ir?

Ela hesitou, mordeu o lábio inferior e consentiu com um rápido aceno de cabeça.

Os dois começaram uma algazarra no quarto e só pararam quando ouviram os protestos da mãe. Saíram correndo, um para cada lado. Eduardo foi para o seu quarto e voltou com a mochila que sempre levava em trilhas, mais o inseparável violão. Nicolas pegou a sua mochila de escola e despejou os cadernos na cama, depois a encheu com uma muda de roupa reserva – para o caso de cair no lago –, toalha, barras de cereal, lanterna, pilhas e repelente. Assim que desceram as escadas, deram um “oi” para os convidados que não viram chegar e um beijo bem gordo nas bochechas da vovó Elinda.

Depois de se livrar do abraço apertado da mãe, Nicolas pulou para dentro da van e cumprimentou os garotos. Sentou no último banco e deixou um espaço vago para o irmão ao seu lado.

– Vem logo, Duda! – gritou ao colocar a mochila entre as pernas.

Eduardo abraçava a mãe, que, se pudesse, demoraria horas para largá-lo.

Depois que o pai deles fora embora para Brasília com a nova esposa, Eduardo assumiu o papel de “homem da casa”. Ser responsável, atencioso e carinhoso com a mãe fazia parte do trabalho.

– Caramba, Duda! Vem logo!

– Tenho que ir, mãe – disse Eduardo depois do abraço.

– Por favor, tome cuidado e fique de olho no seu irmão. Nada de mergulhos e...

– O bom filho à casa torna.

Eduardo entrou pela porta lateral. O barulho da porta se fechando assustou Solange, que levou as mãos ao coração. Agia como se os filhos fossem para a guerra. Acenou de leve para eles e pediu, novamente, que tomassem cuidado.

Vitor deu partida e dirigiu rua acima.

Nicolas ficou olhando para trás, pela janela. A mãe parecia prestes a chorar.

– Estamos fazendo a coisa certa? – perguntou ao Eduardo em um sussurro ao se virar para a frente e se ajeitar no assento. – Ela só tem a gente depois que o pai foi embora.

O irmão demorou a responder.

– Compensaremos no almoço, que tal?

Nicolas anuiu, encerrando o assunto.

Na Rodovia Anchieta, a caminho do lago, os jovens conversavam e riam de piadas que surgiam ao acaso. Era a primeira vez que Nicolas saía com o grupo do irmão, e, embora sendo o mais novo, sentia-se alocado, como se os garotos fossem *seus* amigos. Pedro era o sarrista; Miguel, o “pegador”; Ricardo só queria saber de comida e videogame; Vitor, que ele já conhecia havia alguns anos, desempenhava o papel de motorista prudente naquela noite. E José Eduardo Lenner (ninguém o chamava de José) assumiu a importante missão de envergonhá-lo.

– Olha o desenho do Nic, pessoal!

Eduardo mostrou a folha dobrada que retirara do bolso e a entregou para o Ricardo, que olhou o desenho e o repassou ao Pedro.

– Você trouxe meu desenho!

– Claro que sim! Ele tá muito bom.

O personagem desenhado usava uma máscara de caveira sólida que cobria o rosto e os cabelos. A camiseta era preta e justa, mangas curtas cobrindo meio ombro. Três faixas pretas e grossas circundavam os braços: a primeira, o bíceps; a segunda, o meio do antebraço; e a terceira, a palma da mão, pouco antes de começar os dedos. Uma capa preta com o final recortado em triângulos descia do cinto e cobria a parte de trás das coxas e pernas. E a calça era, pela cor da caneta usada, verde escura. Calçava botas grossas, altas e pretas. Somando-se os detalhes, dava um aspecto gótico ao conjunto.

Gostei do desenho porque em tudo ele me homenageava. Uma representação heroica da imagem que vocês, humanos, têm de mim. Sem a foice ou o capuz, mas ainda assim parecido comigo. Verá que a semelhança fora proposital.

Assim que o desenho passou nas mãos dos rapazes, voltou ao bolso de Eduardo.

– Você ficou de me contar a história do Fantasma Vingador.

O silêncio soou como ordem. Nicolas engoliu em seco.

– E-ele é filho de coveiro. Um garoto pobre e estudioso que se apaixonou por uma linda moça, filha do mais perigoso mafioso da cidade. Os dois se amavam, mas o pai dela era contra. Eles iriam se casar escondidos, mas foram mortos por um capanga. A Morte achou aquilo injusto e nomeou o espírito do rapaz como o Fantasma Vingador.

– Qual o nome do garoto? – perguntou Ricardo.

– Ainda não o batizei. Nem ele nem a moça que ia se casar com ele.

18

– E quem iria se casar com o filho de coveiro? – questionou Pedro, rindo. – Acho que a menina era maluca. Pode chamá-la de *Funesta*, que tal?

– Cala a boca, Pedro. Continue, Nic – pediu Eduardo, lançando uma advertência aos outros com o olhar.

– Ele é muito forte, indestrutível e rápido feito bala – continuou Nicolas, confiante com a aprovação do irmão. – Por causa dos reflexos apurados, luta muuuito, feito o Capitão América. E pode usar as sombras para se teleportar. Ah, e sabe se uma pessoa é boa ou má. Tipo um telepata, mas sem ler o pensamento da pessoa, só a índole, entenderam?! Quando alguém muito bom morre injustamente, o Fantasma Vingador surge para procurar o assassino e pegá-lo. Além da Morte, há sempre um espírito guiando seus passos, que

geralmente é daquele que morreu injustamente. Depois que o vinga, vem outro e por aí vai. Sempre novo caso a resolver.

– O filho do coveiro surge quando alguém bom é assassinado e aí tenta vingar o fantasma? – perguntou Ricardo, de testa franzida. – Tipo um detetive sobrenatural contratado pelo morto?

Nicolas assentiu e ficou aguardando os comentários. Só se ouvia o barulho do motor no interior do veículo. Os meninos, emudecidos, olhavam-no sem sorrirem ou piscarem. Qualquer sinal seria bem-vindo para ele. Quando o silêncio começava a sufocá-lo, seu irmão disse:

– Caramba, Nic! Show de bola essa história. Legal mesmo!

Os rapazes, incluindo Pedro, concordaram com Eduardo acenando com a cabeça. Nicolas suspirou, aliviado.

Os irmãos Lenner tinham algo de admirável que raramente se vê: o amor e o respeito mútuo. Observo que irmãos brigam bastante. Há casos em que trabalho porque um irmão matou o outro. Porém, nem a sombra de uma rixa pairava sobre os dois.

– Ei, gente! – gritou Vitor, desacelerando e dando seta para sair da rodovia. – Estamos chegando. Preparem suas varas que vem peixe aí.

Nicolas olhou para fora. Mato e árvores, altas e escuras. Parecia uma floresta assombrada. Ao lado de uma placa, avistou uma estrada de terra e cascalho.

– Caramba, Vitão! – exclamou Pedro. – Já são dez e meia! Você dirige igual velhinha! Pensei que tivesse se perdido.

– Ah, para de reclamar que eu dirigi numa boa e os trou...

De repente, tudo mudou para Nicolas.

Ao abrir os olhos, descobriu-se deitado no chão da rodovia. Perto do nariz, um tênis branco sujo de sangue. Olhando para além do calçado, luzes amarelas refletiam no *guard rail* da rodovia e no asfalto. Varas de pesca quebradas e um pneu em chamas completavam a cena.

A cabeça, deitada sobre um líquido quente e viscoso, latejava. Com dificuldade, tocou o rosto. As pontas dos dedos ficaram vermelhas. O coração acelerou. A testa ardia. Ao tocá-la, encontrou um pequeno calombo logo acima das sobrancelhas, como se fosse uma espinha. Difícil pensar, concluir, entender. Cheiro de gasolina e borracha queimada; fumaça e fuligem enchiam as narinas.

– Duda? Duda? – a voz saiu rouca. Cuspiu dois pedaços de vidro.

“O que aconteceu?”. Tentou rebobinar a memória, mas a última coisa de que se lembrava era Vitor dando seta para entrar na estrada de chão batido.

Sirene ao longe. Alguém, mulher ou criança, chorava alto e estridente. Um senhor se aproximou, disse algo e logo saiu do seu raio de visão. Nicolas tentou gritar e pedir que ele voltasse, mas a tosse seguida de sangue o impediu.

Com muita dificuldade e superando como podia a dor, ele se virou para o outro lado.

A imagem o atingiu como um soco no olho.

Deitado no asfalto, Eduardo sangrava pelo nariz e mal respirava.

– Nic? Nicolas?

– E-estou aqui, Duda.

Eduardo sorriu. Havia sangue nos dentes dele.

Nicolas tentou esticar o braço para tocá-lo, mas a dor no ombro o refreou.

Os braços de Eduardo, retorcidos de maneira aflitiva, não se mexiam. Ele piscava lentamente, como se estivesse com um sono incontrolável. A pele, alva como a lua, parecia a de um defunto. A comparação levou Nicolas às lágrimas.

Atrás de Eduardo, uma perna inerte. Nicolas não saberia dizer de quem.

– Du? O que aconteceu?

20

– Gostei mesmo da história, Nic. – A voz de Eduardo estava fina como papel. – Continue criando. Você será um grande contador de histórias, meu irmão.

As sirenes soavam a poucos metros, logo os médicos surgiriam. O burburinho crescia. Pessoas corriam para todos os lados, gritando ordens e suplicando ajuda. Nicolas queria que o mundo se calasse para ouvir o irmão.

Entrei na história, caminhando entre ferragens e chamas, agachando-me e chamando os nomes da minha lista.

– Duda, tá doendo! Minha cabeça...

– Te amo, Nicolas. Cuide da nossa mãe.

## A GRANDE CRIAÇÃO DE NICOLAS

Foi quando agachei e chamei por José Eduardo Lenner. Ele fechou os olhos, para nunca mais abri-los.

Nada mais seria dito entre os irmãos.

Ao ouvir os gritos de protesto de Nicolas, eu virei em sua direção. Para mim, um mortal como outro qualquer. Bastava dizer o nome dele que os gritos cessariam.

Dei as costas e caminhei de volta. Não era a hora do contador de histórias.

Hoje, com o que sei, recrimino-me por não ter me aproximado dele e percebido algo que revelasse o que viria a fazer.

Não me culpe pelas mazelas da vida. Minha participação só se dá no final. Até então, vejo as peças se movendo. A vida é que separa as pessoas, eu apenas guio os que se vão. Sou temida, respeitada, odiada até, eu sei. Minha culpa – se há uma – é a de seguir as regras universais.

O que me leva a Nicolas.

Seis garotos saíram para pescar na noite de Ano Novo; apenas o mais novo voltou para casa. O universo seguiria seu curso... se Nicolas não quebrasse todas as regras que regem a mim e a tudo o mais que existe.